

PRÁTICA DE ARTES MARCIAIS E A AGRESSIVIDADE

Bruno Rosa - Laboratório de Psicologia do Desporto, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa

Romero Santiago - Laboratório de Psicologia do Desporto, FMH, Universidade Técnica de Lisboa

Duarte Araújo - Laboratório de Psicologia do Desporto, FMH, Universidade Técnica de Lisboa

Sidónio Serpa - Laboratório de Psicologia do Desporto, FMH, Universidade Técnica de Lisboa

Palavras-chave: Agressividade; Artes Marciais; Tempo de Prática.

A tradição Marcial Oriental deixa transparecer que estas práticas têm por fim o ideal da “não violência”. Contudo, os estímulos e as necessidades de hoje pautam-se por valores de ordem diferente. A violência expressa no quotidiano, muitas vezes sob a forma de um combate de “aspecto” marcial leva a que a prática de Artes Marciais também possa ser conotada com essa realidade. É nesta linha que a prática de desporto tem sido cada vez mais apontada como uma solução. Battigne (2002), afirma que os “desportos de combate desenvolvem qualidades como a coragem, o auto-conhecimento, a auto-conhecimento, a auto-confiança, o auto-controlo, o respeito pelas regras e pelo próximo e a cordialidade”. Todavia, a maior parte dos estudos sobre agressividade no desporto não incidem sobre praticantes de Artes Marciais/Desportos De Combate, uma vez que as teorias psicológicas sociais afirmam que a agressividade aumenta pela aquisição de um repertório agressivo bem como pela desinibição do reforço da agressividade que é patente nestas disciplinas (Bandura, 1973). Neste sentido, é objectivo deste trabalho tentar perceber se existe distinção entre os níveis de agressividade de jovens praticantes e não praticantes de Artes Marciais. Para a realização desta pesquisa foram seleccionados indivíduos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. As razões desta escolha prendem-se com o facto de ser nos rapazes que se verifica maior exteriorização física da agressividade (Simões, 1993) e por ser nestas idades que se dá a transição da infância para a idade adulta, época normalmente associada a uma grande geração de conflitos (Loeber & Hay, 1997). Seguindo a orientação de Francisco (1999), escolhemos o Karaté como a Arte Marcial de referência por este reunir um conjunto de características intrínsecas inerentemente mais agressivas que outras Artes Marciais, na medida em que enfatiza os socos e os pontapés. (Nosanchuk & Lamarre, 1999). A amostra recolhida compreende 30 indivíduos praticantes de Karaté e 30 não praticantes de qualquer Arte Marcial. Dentro dos referidos grupos é realizada uma separação dos indivíduos em subgrupos de acordo com o nível e tipo de prática. Os critérios tidos em conta para esta separação foram a prática ou não de actividades desportivas no caso dos não praticantes e a graduação que possuem no caso dos praticantes, considerando os que têm graduação superior a 2º Kyu (cinto azul) como “experientes” e inferior a 3º Kyu (cinto verde) como “inexperientes”. O instrumento utilizado foi o *aggressiveness questionnaire* de Buss e Perry (1992), aplicado à população portuguesa por Simões (1993). É frequentemente utilizado enquanto avaliador do traço de disposição para manifestar fenómeno agressivos. É composto por 29 itens com 5 hipóteses de resposta, sendo mensurado em 4 dimensões. – Agressividade Física (AF), Agressividade Verbal (AV), Irritabilidade (I) e Hostilidade (H) – e um resultado global (Tt). Foi pedido aos participantes que quantificassem na sua resposta até que ponto cada item se aplicava a eles próprios. De um modo geral, os resultados entre os grupos e os subgrupos estão próximos entre si, não se revelando significativa a sua diferença. Na média global das quatro dimensões e para um $p > .05$ os praticantes apresentam valores de $72,3 \pm 17,2$ e os não praticantes de $70,3 \pm$. Deste modo, a hipótese formulada é rejeitada, não havendo assim distinção nos níveis de agressividade entre os diferentes tipos de prática aqui representados, embora sejam dadas algumas indicações em como o nível/tempo de prática pode influenciar os níveis de agressividade. Estes resultados não suportam o ideal holístico das Artes Marciais, mas também não confirmam as teorias psicológicas sociais (Bandura, 1973). Todavia, para uma observação mais sistematizada existiria a necessidade de aplicar um protocolo longitudinal, pois importa saber o nível de agressividade inicial dos praticantes e acompanhar o seu desenvolvimento. Por outro lado, as Artes Marciais têm na sua origem aspectos socioculturais que não têm uma transição fluida linear para o ocidente (Francisco, 1999) o que, na falta de entendimento destes pressupostos por parte dos alunos e principalmente por parte dos professores pode causar sérias deturpações na mensagem humanista primordial na concepção destas práticas (Mesquita, 2001). Contudo, também intra-Artes Marciais encontramos diferentes perspectivas de abordagem que poderão formar diferentes resultados no indivíduo. Também o meio social em que se insere e reside o indivíduo é uma possibilidade de influência à percepção da prática relativamente à sua aplicação, o que poderá conduzir à distinção dos níveis de agressividade. Em conclusão, podemos afirmar que este estudo *não suporta* que a prática de Artes Marciais promove a agressividade.

Referências

- Bandura, A. (1973). *Social Learning Theory of Aggression. Control of Aggression*. Chicago, E.U.A.: Aline Publishing Co.
- Battigne, L. (2002). Violence et Sports de Combat. *Revue de Education Physique et Sport*, 293, 586-588.
- Buss, A., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63 (3), 452-459.
- Francisco, N. (1999). *A Agressividade em Praticantes de Artes Marciais: Intensidade e Natureza*. Monografia de Fim de Curso. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Loeber, R., & Hay, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from child to early adulthood. *Annual Review of Psychology*, 48, 371-410.
- Mesquita, C. (2001). Artes Marciais – Uma prática de educação ou violência. In Guedes, O. (Ed.). *Judo – Evolução, técnica e competição*. João Pessoa, Brasil: Editora Ideia.
- Nosanchuk, T., & Lamarre, B. (1999). Judo – the gentle way: a replication of studies on Martial Arts and aggression. *Perceptual and Motor Skills*, 88, 992-996.
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XVII, 387-404.